



Sulear A voz e a vez do Sul

Direção Geral:
Isabela Simões e Augusto Herkenhoff (ZAGUT)
Texto ZAGUT:
Isabela Simões | Ensaio Crítico: Carlos Taveira | Arte e Ilustração:
Theo Gomes
Arquitetura da Montagem:
Isabela Simões e Augusto Herkenhoff
Exposição:
Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, RJ, 9/11 a 16/12/2023

Texto a seguir:

SULear e decolonialidade:
a partir do, pelo e para o Hemisfério Sul

Marcio D'Olne Campos

SULear e decolonialidade: a partir do, pelo e para o Hemisfério Sul

Marcio D’Oliveira Campos

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

Oswald de Andrade (1927)

Sulear ou SULear, termo ausente dos dicionários de português, é uma reação contra a exclusividade de sua antinomia, Nortear ou NORTEar.

Apenas Nortear consta dos dicionários brasileiros e ainda impera no próprio Hemisfério Sul, onde o termo Sulear¹, a ser detalhado mais adiante, é que deveria ter papel predominante.

Embora ambos, Sulear e Nortear, compartilhem uma origem geográfica comum relativa à orientação no espaço, existem outros aspectos denotativos e conotativos como o ideológico e o geopolítico, que explicitam relações de poder e de dominação.

Parafraseando alguns de “nossos” dicionários, o verbete Nortear chega a sugerir coisas desse tipo:

Nortear:
Orientar; ser levado ou guiar-se numa determinada
direção intelectual, moral, ética, religiosa etc.

❖ Colonialismo, colonialidade e decolonialidade

O colonialismo europeu ocupou as Américas e a Austrália até o século XVII assim como a maior parte de África até ao início do século XIX. Contudo, foi somente em 1975 que a última colônia africana, o Saara Ocidental, tornou-se independente da colonização espanhola.

Em tempos atuais, apesar do fim histórico da colonização, surgiram novas formas de dominação – por vezes veladas – pelas quais a dependência adquire diversos modos de dominar entre países ou conjunto de países. Algumas dessas formas denominam-se: neocolonialismo, globalização, embargo econômico, eurocentrismo, epistemicídio.

A colonização, apesar de historicamente não mais existir, deixou rastros do sofrimento de pessoas, grupos e nações impregnados nas representações individuais e coletivas dos

¹ Verbetes Sulear e Surear na Wikipedia em português e espanhol. Foram elaborados pelo linguista e professor de espanhol Antônio Carlos Silva Júnior do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

tempos, temporalidades e sentipensares^{2,3} coloniais. É como se ela se fizesse presente nos corpos colonizados como “uma amargura arraigada aqui no peito”. Esse sofrimento perene, é hoje denominado colonialidade e, por oposição, a luta contra esse rastro é denominada decolonialidade. Luta essa que pela decolonialidade se estende contra as novas e diversas formas de dominação do presente. Entre os detentores dessas lutas encontra-se um coletivo de engajados intelectuais latino-americanos, o “*Grupo modernidad/colonialidad*”⁴.

❖ Epistemologias do Sul

Por outro lado e em Portugal, a equipe criada pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos no ‘Centro de Estudos Sociais’ (CES) na Universidade de Coimbra⁵, se dedica, entre diversos temas decoloniais, ao trabalho sobre as “Epistemologias do Sul” que, segundo Santos numa entrevista⁶,

“são uma proposta epistemológica que pretende identificar, validar os conhecimentos nascidos nas lutas, nas lutas sociais contra a opressão que, na época moderna, foram fundamentalmente produzidas por três formas de dominação: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São epistemologias porque procuram validar conhecimentos, conhecimentos outros, que não aqueles que estão validados pelas epistemologias do Norte. Desde o século XVII, as epistemologias do Norte têm vindo a construir a ideia de que o único saber científico é a ciência.”

(...)

“No entanto, a partir de certa altura, dei-me conta de que essa crítica interna não chegava. Era preciso fazer uma crítica externa, na medida em que era preciso reconhecer a existência de outros conhecimentos não científicos, que poderiam eventualmente dialogar com a ciência, e que tinham os seus próprios critérios de validade. Conhecimentos muitas vezes orais, colectivos, anónimos, das comunidades, os saberes a que também chamamos sabedoria. As epistemologias do Sul nascem dessa necessidade de criticar o monopólio epistemológico da ciência como conhecimento rigoroso. Nada disto é contra a ciência, a ciência é um conhecimento válido, que procura ser rigoroso, mas não é o único conhecimento válido. E a ciência contribui tanto mais para o progresso das sociedades quanto mais reconhecer que há outros conhecimentos ao lado da ciência, com outros critérios de validade e outras concepções de vida, de felicidade, da natureza, outras relações entre o indivíduo e a comunidade, modos de conhecimentos para quem a comunidade está primeiro que o indivíduo e não o indivíduo primeiro que a comunidade ou a sociedade, que não concebem a natureza como algo inerte e separado da vida humana para os quais a natureza não nos pertence nós é que pertencemos à natureza, conhecimentos que devem ser valorizados e eventualmente podem inclusivamente entrar em diálogo com a ciência, os diálogos a que eu chamo ecologia de saberes (ver, por último, O Fim do Império Cognitivo, publicado pela Autêntica 2019), ...”

❖ Norte e Sul como categorias geográficas ou políticas e culturais?

Las barras y las estrellas se adueñan de mi bandera
Y nuestra libertad no es otra cosa que una ramera
Y si la deuda externa nos robó la primavera
Al diablo la geografía, se acabaron las fronteras

Si el Norte fuera el Sur sería la misma porquería
Yo cantaré un rap y esta canción no existiría

Ricardo Arjona⁷

² Sentipensar é a expressão de um camponês colombiano captada pelo educador Orlando Fals Borda. Ver “Orlando Fals Borda Concepto Sentipensante” em <<https://www.youtube.com/watch?v=mGAY6Pw4qAw&t=201s>>

³ O antropólogo colombiano Arturo Escobar reflete bastante sobre sentipensar como no artigo: ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur, *Revista de Antropología Iberoamericana*, v11, n.1, p. 11-32, Enero - Abril 2016: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5647073.pdf>>.

⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_modernidad/colonialidad>

⁵ <<https://www.ces.uc.pt/pt/ces>>

⁶ Epistemologias do Sul - Entrevista com Boaventura de Sousa Santos por Cleyton Andrade, Boletim DOBRADIÇA, N° 2, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 28 out. 2020. <<https://www.ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>>

⁷ Ricardo Arjona, “Si el Norte fuera el Sur” (música e letra) <<https://www.letras.mus.br/arjona-ricardo/2160/>>

“Las palabras “Norte” y “Sur” no son únicamente categorías geográficas, son también y principalmente categorías culturales y políticas ...”

Arturo Andrés Roig⁸ (2002)

Boaventura de Souza Santos prossegue na mesma entrevista⁶ considerando um Sul geográfico que ele considera dominado pelas epistemologias do Norte incluindo-se o eurocentrismo e um Sul epistêmico nascido nas lutas emancipatórias e revolucionárias:

“Chamam-se epistemologias do Sul porque o sul não é um sul geográfico, o sul geográfico é tão dominado pelas epistemologias do norte quanto o Norte e, por vezes, mais. Basta analisar o que se ensina e aprende nas universidades de matriz eurocentrica. O Sul para mim é epistêmico, é exactamente o conjunto dos conhecimentos nascidos na luta, nas lutas anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais, lutas das mulheres, dos povos quilombolas, dos povos indígenas, dos povos colonizados, dos trabalhadores, que ao lutarem sempre usaram e produziram conhecimentos e esses conhecimentos nunca foram reconhecidos como tal. Portanto, é uma tentativa de captar esse processo de conhecimento que nasce na própria luta e no viver na luta contra a opressão.”

Por um ponto de vista presente nas ciências da sociedade dita de “tradição científica”, a epistemologia se refere a um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados próprios de diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo. A epistemologia difere da ‘teoria do conhecimento’, pois estuda a produção do conhecimento contextualizada, não só na diversidade das ciências instituídas, mas também como nas diferentes formas extra-acadêmicas – como as populares e indígenas – de construção do conhecimento⁹. Todos esses impulsos e atos de conhecer, dirigimos à nossa vizinhança com seus desafios para que enquanto problema, enfrentemos criando respostas sempre provisórias e recorrentemente a cada enfrentamento do ‘obstáculo epistemológico’ ou ‘inédito viável’¹⁰ que o mundo nos desafia a enfrentar.

Vemos, portanto que, dependendo do grupo sociocultural e de seus indivíduos, quem é desafiado a construir saberes e a produzir intelectualmente, materialmente ou artisticamente, em consequência, elabora distintas formas de inscrições no mundo com textos, artefatos, pinturas rupestres etc. Cada um desses grupos identificados socioculturalmente, pode compreender uma epistemologia a ser estudada através da sua episteme: conjunto de saberes regulados (concepção de mundo, ciências, filosofias, saberes e fazeres etc.) específicos de um grupo social, de uma época ou mesmo de uma área geográfica com características que a identifiquem.

⁸ ROIG, Arturo Andrés. Pensar la mundialización desde el sur. Huellas: búsquedas en artes y diseño, n.2, p.15-20, 2002. <https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/1271/roighuellas2.pdf>.

⁹ Ver LALANDE, André, Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie, 7^{ème} éd., Paris : PUF, 1956, p. 293

¹⁰ ‘Obstáculo epistemológico’ e ‘inédito viável’ são, respectivamente termos que compartilham certas analogias, discutidos pelo filósofo francês Gaston Bachelard (A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento) e por Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido). Ver também CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar (p. 199-235). In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire, São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 212-226. Ver também o primoroso verbete “inédito viável” por Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire) em STRECK, Danilo, et al. (Orgs). Dicionário Paulo Freire, Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 223-226.

Por que passar a SUElear-se no Hemisfério Sul contrariando o NORTEar, inútil para o Sul?¹¹

O termo SUElear foi criado em 1991 pelo presente autor – doutor em física e antropólogo autodidata¹² – que tem desenvolvido discussões em diversas publicações no site SUElear, assim como em vídeos disponíveis na Internet¹³. Um ano depois, Paulo Freire (1992) utilizou SUElear em seu livro *A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Para isso, Paulo pediu que eu redigisse a nota 15 na página 218. Esta que foi editada Ana Maria “Nita” Araújo Freire para esclarecer o termo Sulear mencionado na página 24 do corpo do livro¹⁴.

SUElear problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo NORTEar (Norte: acima, superior; Sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à perspectiva do Sul para contrariar a lógica dominante do eurocentrismo a partir da qual o Norte apresenta-se para os dois Hemisférios como uma referência pretensamente universal.²⁶



Fora os importantes aspectos geopolíticos envolvidos, a preocupação iniciou-se em reação a maneira como se trata a orientação espacial e os pontos cardeais no Brasil desde os primeiros anos do ensino fundamental. A regra importada do Norte para ensinar os pontos cardeais é impregnada pelo fato de que naquele Hemisfério a orientação noturna se baseia na estrela Polar, a qual nunca pode ser vista no Hemisfério Sul.

Apontar o Sol nascente com a mão direita, nos coloca de frente para o Norte e assim, a noite, o Cruzeiro do Sul estará visível atrás de nós. E como se essa regra escorresse do Norte e nós inadvertidamente a engolíssemos sem conferir. É incrível e inadmissível que isso seja publicado e recomendado em livros didáticos além de em orientações didáticas de apoio na internet.

Muitas práticas de percepção ambiental e de observação das relações terra-humanos-céu ocorreram no horizonte da praça-observatório “ALDEBARAN – Observatório a Olho Nu (UNICAMP)”, inaugurado em 2006 que concebi com o apoio arquitetônico de Beatriz Goulart de Faria

Revisando! Por tudo isso seria instrutivo e contextualizado se contrariássemos e regra prática apenas do Norte e aqui no Sul, apontássemos a mão esquerda para o Sol logo após o seu nascer. Assim o Oeste ficaria a nossa direita e, a nossa frente no sentido sul, agora sim poderemos visar o Cruzeiro do Sul! Esse diuturno esquema prático corporal nos permitirá SUElear a noite, sabendo que a nossa esquerda, no dia seguinte, o Sol nascerá.

É revoltante que uma simples regra prática utilizável no Norte seja assumida aqui no Sul como se fosse uma teoria globalizante quando, de fato, esta é uma regra inapropriada a ponto colocar de costas para o Cruzeiro do Sul até mesmo ao sugerir observações noturnas dessa constelação.

Descasos dessa ordem sobre o contexto no qual nos situamos para observar permeiam

¹¹ D’OLNE CAMPOS, M. Por que SUElear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica’ In: CAMPOS, M. D. (org.). Dossiê Sulear, Revista Interdisciplinar Sulear, ano 2, n. 2, p. 10-35. 2019. Belo Horizonte: Editora da UEMG, 2019. p. 180. <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>>.

¹² Ver Currículo Lattes de Marcio D’Olne Campos em <<http://lattes.cnpq.br/3238046640943002>>.

¹³ Ver as publicações no site no site SUElear <<https://sulear.com.br/beta3/publicacoes/>> e discussões e entrevistas várias no canal Youtube: <https://www.youtube.com/@SUElear_decolonial>.

¹⁴ Ver o texto “Paulo Freire adere ao SUElear” em <<https://sulear.com.br/beta3/curtas/>> e alguns fac-símiles de extratos desses trechos referidos a partir do exemplar de ‘Pedagogia do Oprimido’ (1992) a mim dedicado por Nita e Paulo Freire: <https://www.sulear.com.br/textos/p_freire_sulear.pdf>.

nostros livros didáticos, assim como a internet¹⁵.

Pelas considerações acima sobre a necessidade de uma radical revisão ensino fundamental no Hemisfério Sul – ou pelo menos no Brasil – trazemos aqui uma homenagem a Joaquín Torres García, artista plástico e intelectual com marcada preocupação e ação pelas causas sociais na sua ‘A Escola do Sul’ (*La Escuela del Sur*) que já em 1935, era um crítico perspicaz das marcas do Norte sobre o Sul. Associado ao seu famoso mapa invertido da América do Sul ele produziu um texto contendo esta importante ressalva:

Uma importante escola de arte teve que ser criada aqui em nosso país. Digo sem nenhuma hesitação: aqui em nosso país. E tenho mil razões para afirmá-lo.
Disse Escola do Sul, porque em realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, a não ser por oposição ao nosso Sul.
Por isso, agora colocamos o mapa ao inverso e então temos justa ideia da nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte. Igualmente a nossa bússola: inclina-se imperdoavelmente sempre para o Sul, para o nosso polo.
Os navios, quando partem daqui, descem, não sobem como antes, a fim de partirem para o norte. Porque o Norte agora está abaixo. O nascente, posicionando-nos de frente para o nosso sul, está à nossa esquerda. Esta retificação era necessária; por isso agora nós sabemos onde estamos.¹⁶

Mario Benedetti (1920-2009), intelectual uruguaio com uma diversificada e magistral produção literária, sempre nos deu e sempre dará motes para reflexões e posturas SULeadas. No Quadro a seguir, seu poema “El Sur También Existe” (1986) ilustra as oposições hemisféricas Norte/Sul e cardeais norte/sul. Note-se que o texto foi propositalmente disposto sob uma ordem cartograficamente NORTEada, a fim de respeitar a magistral ironia de Benedetti. Esta poesia também mereceu ser musicada e cantada pelo catalão Juan Manuel Serrat¹⁷ do qual segue seu belo introito por minha tradução livre que fazia parte de um vídeo aparentemente agora inexistente na Internet:

“Nem sempre o Norte e o Sul coincidem com o norte e o sul geográficos, com os pontos cardiais.
É que sempre cada norte tem um sul e cada sul tem um norte
Eu digo que o Norte é o poder e que o Sul é tudo aquilo que luta contra a injustiça.
E digo que o Norte é o dinheiro e o Sul a fome.
Que o Norte é o passado e o Sul o porvir.
Que o Norte é o medo e o Sul é a esperança.
Que o Norte é a força, o Sul a astúcia.
Eu digo que o Norte é a pressa e o sul a paciência.

¹⁵ Um desses absurdos está num site de apoio didático com a desfaçatez de se denominar “Cola da Web” para desorientar estudantes na seção “Orientação pelo Cruzeiro do Sul”. Um desenho mostra uma menina olhando no sentido norte e a constelação do Cruzeiro do Sul aparece atrás dela. Ainda mais absurdo é que, para no Sul, se sujeitar à regra do Norte, o desenho mostra uma linha pontilhada que sai da parte traseira da cabeça na menina – onde não tem olho! – e atinge a constelação do SUL. Portanto, a menina obedece cega e literalmente, à regra do Norte, e apenas imagina a constelação típica do Hemisfério Sul em sua retaguarda e na direção da linha pontilhada. <<https://www.coladaweb.com/geografia/meios-orientacao-localizacao>>.

¹⁶ TORRES GARCÍA, Joaquín. *Universalismo Constructivo*. Buenos Aires: Ed. Poseidón, 1941.

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=SbFtygt_F0>

El Sur También Existe

Mario Benedetti

<p>Con su ritual de acero, sus grandes chimeneas, sus sabios clandestinos, su canto de sirenas, sus cielos de neón, sus ventas navideñas, su culto de dios padre y de las charreteras, con sus llaves del reino, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, el hambre disponible, recurre al fruto amargo de lo que otros deciden, mientras el tiempo pasa y pasan los desfiles, y se hacen otras cosas que el norte no prohíbe, con su esperanza dura, el sur, el sur también existe</p>	<p>con sus predicadores, sus gases que envenenan, su escuela de chicago, sus dueños de la tierra, con sus trapos de lujo y su pobre osamenta, sus defensas gastadas, sus gastos de defensa, con su gesta invasora, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, cada uno en su escondite, hay hombres y mujeres que saben a qué asirse, aprovechando el sol y también los eclipses, apartando lo inútil y usando lo que sirve, con su fe veterana, el sur también existe.</p>	<p>con su corno francés y su academia sueca, su salsa americana y sus llaves inglesas, con todos su misiles y sus enciclopedias, su guerra de galaxias y su saña opulenta, con todos sus laureles, el norte es el que ordena.</p> <p>pero aquí abajo, abajo, cerca de las raíces, es donde la memoria ningún recuerdo omite, y hay quienes se desmueren y hay quienes se desviven, y así entre todos logran lo que era un imposible, que todo el mundo sepa, que el sur también existe</p>
--	--	--

Desse modo, poeticamente terminamos – sempre provisoriamente –, propondo...

...SULear como uma forma de resistência...

a um ensino NORTEado para fazer frente ao eurocentrismo e à colonialidade em geral, defendendo e lutando por uma 'leitura dos mundos' e uma educação emancipadora apoiada pelas artes, para que não se reduza apenas a ensinar o mundo, mas, sobretudo, ...

... a educar para ler os mundos de forma SULeada e decolonial

